ap
1034

DIEGUES FALA DE MOREAU E "JOANA"

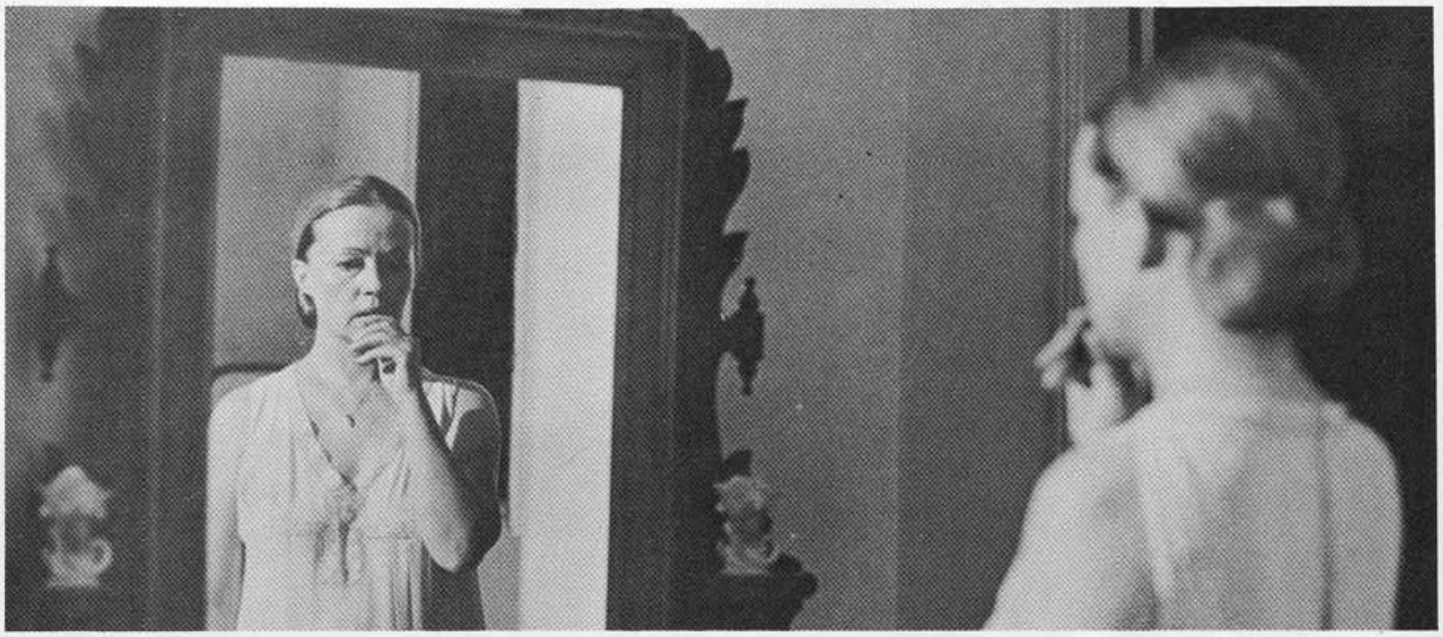
Aos 32 anos, Carlos Diegues chega ao seu sétimo filme dirigindo uma das grandes estrelas do cinema contemporâneo: Jeanne Moreau. Joana, a Francesa *filmado em locação nas fazendas de União dos Palmares, Alagoas, é produção da Zoom Cinematográfica (de Ney Sroulevich) e será distribuído no Brasil pela Ipanema Filmes. Um dos principais nomes lançados pelo Cinema Novo, Diegues realizou antes um dos ensaios curtos de* Cinco Vezes Favela (Escola de Samba Alegria de Viver), Ganga Zumba, A Grande Cidade, Os Herdeiros, Séjour *(este para a Televisão francesa)* e Quando o Carnaval Chegar. *Em entrevista ao jornalista e homem de cinema Carlos Leonam (um dos roteiristas de* O Fabuloso Fittipaldi), *para FILME CULTURA, Diegues opina sobre as atuais perspectivas do cinema brasileiro e revela alguns pontos significativos sobre a produção de seu último filme.*

Para Diegues, o cinema brasileiro, em 1973, espera "um fato novo": "Nem é preciso dizer que todos nós, cineastas, queremos e estamos tentando fazer filmes para o público. Estão aí as produções dos últimos dois anos. Entretanto, o cinema brasileiro abandonou o mercado de idéias (tão bem simbolizado pelo Cinema Novo) e não conseguiu entrar ainda no mercado de consumo. Nesse purgatório não acontece muita coisa de importante. O fato da indústria cinematográfica brasileira estar fazendo cerca de 80 filmes por ano não quer dizer nada. Tirando as seis maiores bilheterias divulgadas pelo Instituto Nacional do Cinema, as restantes só estão dando para pagar a produção. Não se trata, assim, de uma indústria sanada."

"Não posso, porém, dizer que não existe uma grande vontade de recomeçar, de reelaborar o moderno cinema brasileiro. Ele ficou conhecido, há 10 anos, pelas suas idéias. Hoje está desinteressante, seu nível baixou, temos feito alguns dos piores filmes do mundo. Com a agravante de não termos atingido ainda o público brasileiro, que continuará, ainda durante muito tempo, preferindo as produções estrangeiras."

Diegues explica que essa situação "não é culpa dos cineastas". É "conseqüência de uma situação que não foi mudada: o filme brasileiro custa cerca de 50 mil dólares (Cr$ 300 mil) e o estrangeiro entra no País por 10 mil dólares (Cr$ 60 mil)". A única solução visível para tal problema seria "o Governo complementar a diferença" ou "taxando-se a produção estrangeira". Enquanto isso não for conseguido, o impasse continuará, de nada adiantando falar em filme comercial, em indústria.

"Devemos parar com a discussão acadêmica e pernóstica de se o cinema é arte, comércio, cultura, indústria. Isso é secundário. Cinema é invenção permanente. O compromisso moderno do cinema é não se prender mais a esquemas intelectuais. Todo cineasta só tem compromisso com o próprio cinema." A partir desse ponto, segundo Diegues, "o cinema brasileiro torna-se novamente interessante. Ainda há quem possa só ter



Moreau: Joana a Francesa:

compromisso com o cinema, sem necessidade de mostrar em filmes seus fantasmas culturais ou apenas querendo encontrar fórmulas comerciais."

O roteiro de **Joana a Francesa** foi escrito por Diegues, em 1970, quando morava em Paris. Sabendo que Jeanne Moreau assistira **Os Herdeiros** e gostara, mandou a história para ela. "Quando comecei a escrever o roteiro, sempre pensava em Jeanne para o papel. Assim, já no Rio, ao ser chamado por ela para conversar a respeito do filme, minha alegria e satisfação profissional foram imensas. Agora, depois das filmagens, recebi um recorte de uma entrevista que Jeanne concedeu na França, onde afirma que seu papel em meu filme é comparável ao de Joan Crawford em **Johnny Guitar**. Foi para mim uma outra agradável surpresa, pois este filme é um dos meus preferidos."

Joana, a Francesa conta a história de uma cafetina de São Paulo, nos anos 30, que se casa com um rico fazendeiro alagoano e com ele vai viver no sertão nordestino. "É um caso de antropofagia cultural, de uma cultura que é absorvida pela outra", explica Diegues.

No elenco, além de Moreau e Cardin, estão Kroeber, Rodolfo Arena, Helber Abramo, Leina Crespi, Ruy Polanah, Rogério Polli, Antônio Pitanga e Ana Maria Magalhães. A fotografia é de Dib Lutfi, em Eastmancolor. A música, de Chico Buarque de Holanda, com Jeanne Moreau interpretando a canção-título.

"Adoro filmar", diz o cineasta. "E filmar com Jeanne Moreau foi um prazer a mais, como seria filmar com os nossos ídolos, gente como Marlon Brando, Marlene Dietrich, Gene Kelly ou Errol Flynn. Em nenhum momento ela se comportou como uma diva, como um mito. Sua relação comigo era de diretor com a atriz, sempre dentro de um grande respeito mútuo. Jeanne mostrou, no começo das filmagens, uma certa expectativa, pois não sabia ao certo o que iria acontecer. Logo, logo, porém passou a "curtir" o filme, com o que o nosso trabalho ficou fácil."

Diegues conta também que Jeanne reclamou muito da produção, mas agüentou a sua primeira experiência nos trópicos "como autêntica profissional que é". Moreau se espantou muito com o trabalho da equipe: todos faziam um pouco de tudo. O que foi perplexidade, no início, acabou conquistando-a. Inclusive porque, na França, o diretor é "vous" para toda a equipe de produção.

Carlos Kroeber e Jeanne Moreau: Joana a Francesa.